

***Da dupla antítese à imagem:  
Representações do poder religioso no contexto da guerra visual na  
America colonial.***

*Saulo dos Santos Bastos*

*“Ídolos e imagens estão no centro de uma operação de negação e redistribuição do divino em que já penetra, no pano de fundo da ocidentalização, a sombra da secularização.”*

*Serge gruzinsk*

## **INTRODUÇÃO**

Desde o descobrimento das terras americanas pelos europeus, podemos perceber que os nativos sofreram influências de seus pensamentos, suas ações, e eu foram durante muito tempo moldados pelas intenções dos europeus. A partir então das imagens religiosas e de uma insistência da igreja em retirar das novas terras conquistadas as mais diversas formas de idolatrias que eram praticadas pelos gentios, onde julgavam ser a América a terra do demônio por suas formas de representação dos deuses demoníacos.

A partir deste contexto tentaremos esmiuçar um pouco deste impasse e tentar reavaliar a questão da guerra das imagens que se tornou uma verdadeira forma de sobrevivência cultural, e tentar compreender com uma perspectiva gentílica.

## **CAPÍTULO I – Relações Religiosas no México na Época do Descobrimento.**

Que em La época del descubrimiento de Mejico La sociedad azteca parezca intensamente religiosa, que toda La vida pública y privada se muestre invadida, digamoslo así, por los ritos y dominada por las creencias, ES algo evidente para quienquiera que esté un tanto familiarizado com los documentos y los testimonios da Le época. Pero,¿Cuál era precisamente El lugar de La religión y dus ministros em la jerarquia de los poderes? ¿En qué medida se confundia la función sacerdotal con La de gobierno y la gestión de la ciudad? ¿Puede llamarse teocracia al regimen del méjico antiguo? Para contestar a esas preguntas no ES inútil remontarse, primero, a Méjico-Tenochtitlán. (SOUSTELLE, 1991, p. 27)

Seria importante, antes de começarmos e destrinchar o tema em questão, entender o título do trabalho “Da dupla antítese à imagem: representações do poder religioso no

contexto da guerra visual na América colonial” comecemos do fim para o início, pois a guerra visual a qual me refiro se dá no contexto religioso das companhias de propagação do catolicismo além-mar, e que é de vital importância entendermos a clareza estética que estes propõem, e na negação que se prestam a defender sobre a expressão artísticas dos índios, a partir desta contrariedade de pensamentos que se constitui as antíteses a qual me refiro, pois a partir de que um tenta negar o outro; o colonizador impondo suas vontades e as suas supostas imagens verdadeiras como símbolo de adoração em meio a uma terra na qual nem falavam a mesma língua, se sentido superiores; e a resistência indígena que se deu de forma pacífica frente a agressividade do europeu, e que se sujeitando a esta cultura, domestica-se, dobrando-se diante das imposições como forma de manter, por mais que seja discretamente, a vida de seus deuses e suas produções de representação do divino, alimentam esta antítese que contrariam as intenções européias, que visavam a erradicação destes rituais “demoníacos”<sup>1</sup>.

Passaremos agora a descrever um pouco da sociedade asteca para que possamos compreender de uma forma mais total o que objetivamos, que é entender o contexto da guerra de imagens no interior da sociedade asteca na América colonial, guerra esta travada entre as imagens astecas e as do europeus.

Vamos voltar um pouco na sociedade asteca, até o ponto da tribo asteca na migração, pois diz-se que partem de algum ponto do norte, na segunda metade do século XII, que levaram cerca de um século e meio para chegarem até o centro do México e se instalarem ali, que foi proporcionada pela presença de lagos e pântanos; nesta migração entraram em contato com povos de civilização avançada como os Nahuas e os povos das cidades de Lacustres, e este contato deu aos astecas uma mudança cultural no decorrer desta migração, alterando seu comportamento como tribo. Tiveram contato ainda com povos sedentários, e este ponto, acredito eu que seria crucial para entendermos o motivo pelo qual os astecas se assentaram no centro da atual região onde hoje chamamos de México. Nesta tribo antiga, a religião não incluía ritos de natureza agrários, mas os deuses da caça e da guerra eram cultura, e eram comparados com os astros, e isso seria uma característica específica dos astecas, pois de acordo com sua tradição, eram estes deuses que guiavam os astecas até um ponto onde poderiam se assentar e permanecerem ali. Como referido acima, possuem uma certa paixão pela guerra, pelo combate, pois na hierarquia asteca, havia um chefe e guerra que mandava anãs unidades confederadas<sup>2</sup>. A tribo asteca da época da

---

<sup>1</sup> GRUZINSK.

<sup>2</sup> Ou tribos confederados, como preferem outros autores.

migração era partilhada, recebendo o nome de *Calpulli*<sup>3</sup>. O governo tribal era regido pelos sacerdotes, pois no interior das crenças astecas, o governo era regido pelos deuses, mas no caso por seus representantes na terra, no caso os sacerdotes eram quem detinha então este poder representativo e que exerciam total influência nos territórios astecas, e sua genealogia estava descrita no *códice azcatitlán*<sup>4</sup>, onde percebemos como eram representados os sacerdotes, como mensageiros dos deuses, portadores de deus. Seria importante lembrar que cada tribo tinha um chefe, que se tornavam sacerdotes governamentais e que tinham como função manter a coesão social. Então aí, podemos perceber a uniformidade das *Calpulli* astecas, pois em momento de uma necessidade generalizada e que seja do interesse de todos, estes representantes se reúnem e decidem entre si os rumos da sociedade.

As astecas que migraram esculpiam estátuas de pedra, em forma de boneco, representando assim a sua forma de deus ou divindades, lembrando que são cobertos de plantas e panos, e isso nos reporta a interpretar que possuíam um relacionamento direto entre deuses e medicina, pois acreditavam que estes orientavam para dominar as técnicas para tal, fazendo lembrar qual erva é específica para qual doença ou enfermidade.

Funda-se Tenochtitlán<sup>5</sup> de acordo com a profecia dos anciãos<sup>6</sup>, aí se forma uma democracia tribal ordenada pela teocracia, onde os *huehuetque*<sup>7</sup>, que em sua maioria eram os próprios sacerdotes, governavam por meio dos oráculos, que ditavam as regras do sistema social. Alguns sacerdotes eram divinizados, mas segundo escrito que são citados em Soustelle, “*çan maceoalli, çan tlácatl catca, naoalli, tetzáuil*”<sup>8</sup>.

Durante o período monárquico, ao qual passou o império asteca, o conceito Tolteca de monarquia estava muito intrinsecamente interligado com a religião, então *quetzacoátl* era considerado entre os leigos um bárbaro e não um deus. Então os astecas encobriram o pensamento tolteca, da forma que o evocaram e transformaram um de seus membros em imperador, como um personagem quase divino e coberto por uma áurea religiosa, como se comparado ao culto ao imperador que se realizava em Roma, onde o mesmo possuía uma áurea praticamente divina, e que possuía como função defender o templo de *Huitzilopochtli*, e tinha como missão religiosa, engrandecer e enfeitar o templo, ainda fazer

---

<sup>3</sup> Frações de tribo.

<sup>4</sup> Manuscrito asteca

<sup>5</sup> Futura Capital, a Cidade do México.

<sup>6</sup> De acordo com os oráculos de deus.

<sup>7</sup> Anciãos.

<sup>8</sup> Só um Homem comum, um bruxo um nefasto.

sacrifícios humanos com seus prisioneiros, e neste ponto, podemos fazer uma ponte com um filme bem recente, “ Apocalipto”<sup>9</sup>, nos mostra como eram capturados estes prisioneiro e como era sua preparação para o sacrifício, e mostra detalhadamente o ritual de sacrifício, nos dando uma alusão de como era este movimento religiosa no mundo asteca. Durante os sacrifícios, haviam danças rituais que eram bem vistas aos olhos dos deuses.

Os títulos do imperador, como *tlatoani*<sup>10</sup> e Tlacatecuhtli<sup>11</sup> mas não possuía assim, de forma direta, a função de sacerdote, mas podemos dizer que a sociedade asteca era organizada em torno da hierarquia que se manifestava no âmbito religioso, pois de acordo com os títulos que o imperador já possuía e com seus afazeres, não assumia a função religiosa como uma a mais para si. O general, que era o braço direito do imperador, tinha relações de parentesco com o imperador.

Uma relação importante que podemos perceber, que o imperador influencia os atos religiosos dos sacerdotes e sofre influência, isso se deve ao fato de o imperador ser um praticante da religião, mesmo não sendo sacerdote, por já deter em si o poder, civil, jurídico e militar. Entre os religiosos havia o *tecuhtlamacazqui*<sup>12</sup> que desempenhava o poder de líder dos chefes religiosos, diante do imperador, e estes tinha ainda um conselho presidido pelo próprio imperador<sup>13</sup> onde se discutia as decisões mais importantes. Todas estas relações nos mostram uma dualidade, de um lado os representantes militares(senhores) e do outro os sacerdotes( tlamacazqui), assim do contato com as civilizações sedentárias gera-se uma infinidade de deuses, levando os astecas a adotarem os cultos e as divindades agrárias, que são adicionadas no panteão asteca, ao lado de Tlaloc<sup>14</sup> e as divindades da terra. Isso nos levante uma tese de grande importância sobre os astecas, que em sua natureza assimilavam, para não usarmos anexavam, sem nenhum tipo de problema deuses que não eram de sua cultura, até mesmo criando templos posteriormente. Para compreendermos melhor o mundo dos deuses astecas, temos 4 principais:

1. Huitzilopochtli – deus do sol e protetor do Estado;
2. Tesclatlipoca – deus do céu noturno;

---

<sup>9</sup> Dirigido por Mel Gibson.

<sup>10</sup> O orador.

<sup>11</sup> Chefe dos guerreiros.

<sup>12</sup> Sumo sacerdote.

<sup>13</sup> Tlatocan.

<sup>14</sup> Deus da chuva.

3. Tlaloc – velho deus da chuva;
4. Quetzacoatl – de origem tolteca, inventor das artes, da escrita e do calendário advinhatório.

Esta ordem se faz devida ao imaginário social asteca, e sua representação de criação do mundo, onde estes deuses seriam os primeiros a se manifestarem e a partir destes criam-se os demais.

O sincretismo é um fator muito importante, pois grande parte dos deuses astecas, que foram assimilados de outras culturas, eram alocados no universo religioso deles, junto com outros deuses, adquirindo mesmo poder, e mesmas tradições rituais e de crença.

Possuíam um importante sistema “educacional” militar, onde os próprios guerreiros experientes tratavam de ensinar as técnicas e táticas de guerra para seus discípulos. Possuíam também um sistema de ensino religioso<sup>15</sup>, no interior dos templos, onde adolescentes eram preparados para assumir os mais altos cargos da hierarquia religiosa do Estado, com um currículo que abrangia oratória e bons modos, os adolescentes que ingressam para o sistema militar eram consagrados a Tezcatlipoca e os que se inseriam no religioso eram consagrados a Quetzacoatl. Estes últimos possuíam um ideal que deveria ser seguido que era a renúncia de sua vida fora do templo em prol dos deuses.

Uma característica importante dos astecas era que viviam de uma forma contemplativa em adoração ao sol, ao deus sol, e a questão do sangue dos sacrifícios humanos, se justificava por ser o alimento para que o mundo não fosse aniquilado. Então respeitava-se um calendário que fora elaborado por eles para que se pudesse dar conta de todas as datas de sacrifício, a também de colheita, de mudanças das mais diversas naturezas. “...la sangre de los sacrificados ES indispensable para la vida mismo del mundo y de la humanidad...”<sup>16</sup>. Os discursos que eram pronunciados como oficiais nas cerimônias, sempre defendiam que estes sacrifícios que se realizavam, pediam muito para ter vitória nas guerras, benevolência dos deuses para com o seu povo, etc. Os imperadores eram muito atentos as profecias, ou melhor, as palavras dos sacerdotes, lembrando que a sociedade da época era uma teocracia, porém muito influenciada pela religião e pela classe sacerdotal, que foi herdeira de uma tradição antiga.

Seriam importante deixar claro nesta parte do texto que os astecas sempre diferenciavam nitidamente a religião da política, e assim a função sacerdotal da função

---

<sup>15</sup> Calmécac.

<sup>16</sup> Soustelle, 1991.

governamental, e esta relação implica diretamente em entendermos que os governantes jamais seriam governantes e que os governantes nunca seriam sacerdotes.

## **CAPÍTULO II – A Questão da Representação.**

Neste capítulo discutimos a questão da representação, que segundo Carlo Grinzburg, “ a representação é algo que se deve, sem dúvida, à ambigüidade do termo. Por um lado, a representação faz às vezes a realidade como uma realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto sugere a presença.”<sup>17</sup>, a partir da citação, podemos perceber por detrás do discurso que se faz, há uma tensão que circunda o tema das imagens de quaisquer natureza, pois neste contexto, de colonização ou cristianização do ocidente, quem mais atribuía poder á imagem? Os europeus que queriam destruí-la ou os gentios que a produziam? Podemos considerar que o europeu não apenas atribuiu poder, como ainda as queria destruir pois as consideravam uma ameaça para a missão religiosa na América, pois para a Espanha ter a posse por direito das terras conquistadas, ela era obrigada a expandir a fé cristã, e lembrando que na Europa da época da conquista está marcada por revoluções religiosas, mudanças filosóficas e um profundo processo de amadurecimento onde pensava a si mesma. A igreja católica, que durante séculos ditava as ordens, foi questionada quanto as suas decisões e posições, e na península ibérica a sua representatividade se deu fortemente , e ainda mais presente durante e posteriormente a reforma católica, endurecendo o regime religioso, o que se refletia nas terras de além-mar. Seria um importante ponto a se discutir , pois com a evangelização das novas terras e a conquistas destas novas “almas” para a Igreja, poderíamos dizer que faria um contra-peso à perda de fiéis na Europa, para a religião protestante, mas é claro, que nem só de almas vive a Igreja, sem a movimentação de recursos que se dão a partir da exploração americana<sup>18</sup>. Porém, a partir do momento em que chegam ás novas terras, e encontram uma sociedade já organizada de forma complexa e bem estruturada, com ídolos espalhado por todas as partes, e com a idolatria enraizada em todas as vias da sociedade, vêm que a representação do divino para este povo é a verdadeira representação do demônio, claro que no imaginário social do europeu que se

---

<sup>17</sup> Olhos de Madeira, 2001, pag. 85.

<sup>18</sup> Chamo assim, pois a partir do momento que enviam suas missões para a América em si, almeja encontrar riqueza e/ou mão de obra que trabalho nesta terra, a explorando e extraindo então qualquer forma que de recurso para compensar o investimento inicial.

julga superior em todos os aspectos. Inicia-se uma guerra da representação, e não é uma simples representação, mas sim a representação do mais forte, aquele que é capaz de aniquilar as raízes culturais do outro e impor a sua forma de representação.

Os gentios, com as suas cores fortes, seus suportes em ouro, e com as mais diversas formas de apresentar e com a representação dos seus deuses que fogem á realidade do imaginário do europeu, e este com suas imagens e telas que representam o divino, o caminho para a chamada salvação, o onírico e belo das escrituras, e sempre representavam o outro como sombrio e desconfigurado, diziam que possuíam pouca estética e não se podia ter tal(is) artefatos como forma de representatividade. Seria importante mencionar que muitas das atitudes da igreja nas terras de além-mar seguem ainda características que se desenvolveram na época medieval, de acordo com a tese de Jérôme Baschet que defende que as primeiras colônias americanas possuem na verdade toda a herança medieval que havia sido depostas do sistema europeu.

Vital não esquecermos que no ano de 1585, o concílio de Trento, estabeleceu em um de seus tópicos em discussão, a perseguição dos dogmatizadores, a destruição de templos e dos ídolos e a fim de forma totalizante da idolatria, não só na Europa, como também nos domínios do além-mar, mais precisamente na América, e esta questão era de vital importância para reforçar a posição da Igreja como uma instituição poderosa e que seria capaz de extinguir com esta ameaça.

Mencionamos rapidamente um pouco do panorama religioso na época dos descobrimentos e da colonização da América espanhola, não nos aprofundando muito, pois não gostaria de está dando destaque a esta parte da história, não estou a desprezando, porém acho que iria comprometer o trabalho, que tem por finalidade entender o contexto da guerra da representação entre as imagens, não a partir da compreensão da sociedade asteca, mas sim fornecendo insumos para entendermos um pouco mais a visão deste contexto, com uma lógica que não seja eurocêntrica, por mais que as fontes sejam fornecidas por estes, mas que possamos interpretá-la livre de aspectos preconceituosos. A partir deste curto capítulo, que serve de premissa básica para entrarmos na discussão sobre a idolatria na colônia, o convidamos a compreender o que este tema tem de tão importante para exigir das companhias religiosas tanto esforço sobrenatural.

### **CAPÍTULO III – Interpretando a Idolatria no Período Colonial.**

Conjunto de crenças, práticas, gestos, palavras e objetos, a idolatria nada tem, portanto de um suplemento que viria ampliar o real, ou aplicar uma garantia ritual às mais diversas manifestações da atividade humana. Ela é muito mais do que isso, pois funda a representação do real e a manipulação da realidade assim concebida. É ao mesmo tempo um procedimento intelectual no sentido em que envolve memória, interpretação, deciframento e previsão. É por isso, um saber que serve para pensar o corpo, o tempo, o espaço, o poder, as relações domésticas e a sóciabilidade. É, de modo mais geral, um conjunto de códigos, uma gramática cultural que organiza toda a relação como real concebida e percebida pelos indígenas. Assim, é lógico que a idolatria garanta também a exploração dos estados emocionais, que fale sobre a possessividade, o ódio, a frustração, a angústia, o pânico, a agressividade assassina.

(Gruzinski, 2005, pg. 252.)

Após o concílio de 1585, chegou ao México Hernando Alarcón, que fora encarregado pelo arcebispo do México para buscar informações sobre a idolatria na rebelião, assim este se encarrega de estudar as raízes desta na sociedade, questões de ideologia, como este se manifestava e como poderia ser combatida, e percebeu que a idolatria estava presa no seio desta sociedade e que se manifestava nas formas mais simples do cotidiano, então perceberam que estavam lidando com um problema que seria de difícil solução, mas que a partir destes registros deu insumo o suficiente para a questão de a idolatria ser combatida. Sugiro que voltemos nossas atenções para a definição do termo, que segundo o Dicionário teológico “*Ato de divinizar o que não é deus...Existe idolatria quando o homem presta adoração a uma criatura em lugar do criador, deus.*”<sup>19</sup> A partir deste podemos assimilar bem que a missão religiosa na América está bem de acordo com o verbete, que é atual, e é esta questão que os missionário tentavam combater, com muita dificuldade. Para contrapor o verbete ou reafirmá-lo, citemos “*Idolatria é adorar a criação em vez do criador. A bíblia diz em romanos 1:22-23, palavras em sua negação, ...apela-se para os mandamentos que proibiam ídolos e imagens, fazendo referência ao êxodo 20:3-4.*”<sup>20</sup> Com as afirmações acima que justifiquem o combate à idolatria, a igreja se prontificou e erradicá-lo, e para isso as imagens católicas seriam fundamentais, pois seriam mais esteticamente perfeitas, segundo o reino dos céus, as imagens do cristianismo refletem a beleza do reino cristão, todas as maravilhas que estão guardadas aos cristão, e a partir disto então inicia-se a educação do imaginário indígena com os traços europeus.

Retomado as questões levantadas por Alarcón, a idolatria se estende desde gestos aos rituais, incluindo palavras de invocação. A difusão da idolatria era um perigo para a

<sup>19</sup> [www.dortrinacatolica.com/dicionario/ver\\_verbete.php?id=123](http://www.dortrinacatolica.com/dicionario/ver_verbete.php?id=123), extraído dia 12/12/2009.

<sup>20</sup> [www.jesusvoltará.com.br/info/idolatria.htm](http://www.jesusvoltará.com.br/info/idolatria.htm) extraído dia 10/12/2009.

realidade cristã em expansão e que em muitos momentos assumia uma roupagem cristã para se manifestar, ou seja, se infiltrando nos discursos religiosos dos europeus, e é claro que isso mostra a incrível capacidade da idolatria de se adaptar aos mais distintos meios para sua permanência nestes. Gruzinski, defende :” *escolher o termo idolatria pode parecer paradoxal, na medida em que sugere que nos curvamos às categorias e obsessões dos evangelizadores do século XVI.*”<sup>21</sup> O cristianismo colonial era interpretado até então como um conjunto de rezas, levando a entender a idolatria como uma ideologia que perpassa as estruturas visuais, das mentalidades, dos sistemas intelectuais e das estruturas simbólicas, mas tem de ser vistas como expressões materiais. “ *A idolatria pré-hispânica teria uma rede densa e coerente , consciente ou não, implícita ou explícita , de práticas e saberes, nos quais se inscrevia e desenvolvia a totalidade do cotidiano.*”<sup>22</sup> Isso nos reporta a imensidade de questões que deveriam ser tratadas e as inúmeras táticas que deveriam ser desenvolvida para se combater esta questão tão naturalizada pelos gentios<sup>23</sup>.

A Igreja diante destes “problemas”/”Questões”, fez de imediato, a construção de templos para abrigar as imagens dos santos católicos, e de quebra, conventos para repousar os teólogos e aqueles que faziam a manutenção da religião na região, e assim bem instalados estabeleceram festas, celebrações , seu calendário, entre outras características, subordinando os indígenas , ou melhor, discursando para indígenas como investido pelo poder do deus verdadeiro, subordinando os deuses locais ao esplendor daquele vindo do outro lado do oceano. A esta altura vc se pergunta, e como os índios aceitaram de forma tão fácil a subordinação, e neste ponto gruzinski expõe de forma muito clara que devastados pelas doenças e pelas dizimações feitas pelos europeus não lhes restava muitas opções a não ser ceder a solicitação já ta aí, vou te levar os tespanhola. Percebemos por parte dos gentios uma aceitação bem pacífica das características religiosas dos europeus, passando a confissão, batismo, casamento como instituições que reafirmavam a superioridade religiosa nas regiões do atual México, e esta foi a única forma, para não dizer a única forma possível para penetração religiosa; assim como a idolatria o cristianismo possuía um forte poder de penetração nas mais diversas formas de estruturas, e como a estrutura dos gentios, desde o período de migração asteca, percebemos e expressamos anteriormente, que sempre Fo flexível o bastante para assimilar novos deuses

---

<sup>21</sup> A colonização do Imaginário, pág223.

<sup>22</sup> Ibdem , 224.

<sup>23</sup> Chamo de gentios, pois não concordo com inúmeros autores que denominam os indígenas como idólatras, e isso nos reporta a um tipo de interpretação eurocêntrica e tento o máximo me manter distantes dete tipo de análise.

em seu panteão, e como o deus dos cristãos não fora diferente, assimilaram sem problema algum, mas claro que de sua maneira, e que não era bem visto pelos cristãos intolerantes.

A persistência da idolatria segundo Gruzinski, se dá de forma mais forte na situação doméstica, pois no seio familiar dos gentios, a igreja se fez menos atuante, e ao meu ver, não seria necessário, pois de acordo com o sistema de ensino social disponibilizado pelos missionários, acreditava-se seria o suficiente, mas em casa, estes ensinamentos eram digeridos e transformados em mais uma faceta da idolatria, em sua mais gloriosa capacidade de volatilidade. Como se deve lembrar do primeiro capítulo, uma característica importante dos astecas é de uma relação com os seus ancestrais, e este ponto era uma guerra literalmente, que os cristãos combatiam, alegando que não se deveria haver nenhuma ligação dos “pagãos” com seus antepassados, tornando isto uma inteira característica da idolatria, manifestada de sua forma mais intensa. E nestas relações com seus entes passados, haviam objetos de família que eram praticamente adorados, que seria um elo da atualidade com a ancestralidade, *“A casa... palco de ritos de passagem e de aliança que representavam algo muito diferente de sobrevivência acessórias como ritos de batismo indígenas”*<sup>24</sup> Desenvolviam dentro de suas residências, os *Tonalli*<sup>25</sup> exerciam dois fatores:

1. Garantia a sobrevivência e o crescimento do indivíduo;
2. Influenciava a personalidade do indivíduo.

Podemos perceber então que a idolatria acaba ocupando alguns espaços sociais, que ao contrário do que defende Gruzinski, não eram preenchidos pela igreja, mas acredito que estes espaços não eram preenchidos pela igreja, mas sim que os indígenas não permitiram a presença da igreja, pois assim senso, iriam violar as suas tradições, então acredito que os gentios limitaram neste ponto a presença da igreja para a manutenção de manifestações que para a Igreja seriam idólatras. Percebemos que a expansão da idolatria se dava nas manifestações ideológicas do cotidiano social, pois todas as ações do dia a dia, dependia de certa forma de como esta idolatria agia nestes espaços, pois o mundo no imaginário social dos gentios era organizado de acordo com os quatro deuses básicos, e as ações do cotidiano seguiam estas ordenações, a partir do momento que tiveram contato com a

---

<sup>24</sup> Gruzinski, colonização do imaginário, pag 230.

<sup>25</sup> Força que ligava a criança ao cosmo, em troca de vigor necessário para seu crescimento.

cultura cristã, estas ordenações foram sofrendo transformações que pouco a pouco se adaptaram as realidades cristão, mas que não perderam suas essências.

As formas mais nefastas de magia, ou idolatria como preferir, eram combatidas pelos próprios gentios, neste caso, gentios que faziam mal uso dos poderes prodigiosos eram criticados e entravam em confronto direto com outros gentios que combatiam tal questão, e com isso quem sai ganhando é a igreja que, com o apoio dos próprios gentios, vai se expandindo nestas cicatrizes sociais inter-indígenas. Assim, a idolatria no século XVII, nos olhares dos espanhóis era composta por um conjunto de saberes e suas práticas das mais diversas naturezas, mostrando que por mais esforços que se façam, a idolatria ainda resistia de forma incrível. E neste ponto percebemos que por um lado temos o discurso da igreja que defende a fé verdadeira em uma terra longe dos princípios católicos de visão religiosa, e por outro os discursos simbólicos que justificam as práticas idólatras naturalizadas no seio da população dos gentios, mostrando claramente que o poder e eficácia dos argumentos cristão tinham que disputar terreno com esta simbologia oral dos nativos, e esta tarefa não fora tão fácil como imaginamos, pois a idolatria ainda persiste até o século XVIII, 300 anos de disputa por espaço e veracidade de discurso. Com a intensidade da verificação da igreja sobre os gentios, descobre-se que a permanência, insistência e resistência da idolatria estava intrinsecamente interligada em focos de redes sustentados pelos mais velhos, anciãos, e que muitas destas redes foram desfeitas pela igreja, devido a denúncias de próprios indígenas que interessados em outros benefícios oferecidos pela igreja, renunciavam as suas essências. Estas idolatrias eram de natureza oral, transmitidas de pai para filho e assim por diante, fazendo desta forma a manutenção dos vínculos desenvolvidos pelos ancestrais e a permanência dos deuses nativos da terra, mantidos pela parte mais modesta da estrutura social que entrara em contato com o cristianismo.

Percebemos uma drástica redução dos cultos idólatras com a permanência da igreja nas terras americanas, lembrando que existiam os conjuros<sup>26</sup> e que é produzido de modo isolado com fins de considerar tal sistema como valor de verdade. Isso nos remete para a idéia de idolatria como uma forma de poder, uma resistência de poder. Nos rituais de sacrifícios praticados antes da chegada de Colombo, haviam os ministros do sacrifício, e nesta parte, na interpretação cristã, havia um demônio que se representava no ídolo, no qual eram oferecidos os sacrifícios.

---

<sup>26</sup> Uma forma de poder sobre os seres e as coisas, uma práxis.

Fica claro perceber , no imaginário cristão, que não conseguiam acompanhar a velocidade com que as idolatrias tinha em professar seus discursos , e devemos levar em consideração que ambas utilizam “palavras divinas”<sup>27</sup>e neste ponto leva-se em consideração de ,um lado os gentios com sua mitologia “demoníaca segundo o imaginário cristão, e por outro os missionários com suas promessas de paraíso, esquecendo-se de que o suposto paraíso dos indígenas já fora destruída por suas próprias mãos, mãos européias que interpretavam levar civilidade, cultura, progresso a um povo que não tinha necessidade destes ideais de mundo. E com uma complexidade social bem estruturada aos olhos dos europeus, tudo que estes fizeram foi desmontar todo aquele esqueleto e remontarem de acordo com as suas necessidades ocidentais, para assim exercer de forma mais completa a sua dominação e influência. Ou seja, até mesmo os europeus utilizavam de mitos , tendo como referência a bíblia para justificá-los. De acordo com Gruzinski :

a idolatria, por meio da evocação, privilegia portanto o tempo onipresente dos deuses, em detrimento do tempo humano, e nele se instala. Em vez de aguardar passivamente o surgimento das forças, agarra-as na origem... A idolatria provoca uma espécie de curto circuito dos ciclos normais , visando a eficácia imediata à economia dos meios

(Gruzinski, 2005, pg.<sup>28</sup>.)

Neste trecho, percebemos o verdadeiro ponto onde se fixa a idolatria, e porque se e tão difícil desestruturá-la da comunidade dos gentios, e a partir deste ponto eu ela cria forças para se adaptar as estas mudanças e por meio de seus discurso onde a sua força maior está em produzir novas formas de circuitos de interpretação, mas sempre tendo sua origem como base firmadora para este desenvolvimento. Seria interessante deixar claro que os limites entre o que denominamos natural e sobrenatural não são e não podem ser os mesmo que os indígenas, está no intermédio destas idéias, ideologias diferentes, bem como mentalidades entre outros fatores. E isso nos permite concluir que no imaginário social do gentio a idolatra era a própria manifestação religiosa, e a consideração a seguir é muito pertinente, por que temos que entender a religião dos gentios sempre como algo pejorativo quando comparados aos nossos, por que quando pensamos em algo comum para a idolatria, pensamos logo na forma de discurso que atinja desde o escravo até o mais alto cargo público, e é esta linguagem comum que demarca de certa fora, a sociedade indígena como que com um ideal comum. E isto se reflete na forma como as pessoas se manifestam culturalmente, como se expressam através das mais diferentes linguagens das mais

<sup>27</sup> De acordo com Gruzinski, em “A colonização do Imaginário”

<sup>28</sup> IBDEM, pág 242.

diferentes naturezas. É esta força imperativa que dita as regras de agir social deste povo, atingindo até mesmo o lado afetivo das pessoas, e não precisamos ir muito longe para entendermos como age a idolatria sob este ângulo, suponhamos que haja um grupo de indivíduos que partilhem um interesse em comum, no caso o religioso, e quando um outro grupo de indivíduos mostram-lhes que tais ideais que estes defendem ao são tão fundamentados da forma como estes imaginavam, percebe-se uma resistência por um lado e uma frustração por, de um lado a resistência de lutar e querer descobrir uma base forte para negar tal afirmação feita por um grupo rival, e por outro lado a frustração de uma parcela deste grupo em não poder lutar contra tal afirmação; e assim acho que podemos compreender melhor a questão do emocional do gentio, pois agiram de uma forma similar. percebemos assim, que a idolatria cria no indivíduo uma certa orientação na pessoa para que este defenda seus ideais até a morte, ou fazendo o máximo para o manter ativo, fazendo parte do indivíduo, ao ponto deste se expressar de acordo com as necessidades que esta cria em seu interior. Ela molda para impor ao indivíduo suas vaidades mais a frente, como que subjetiva o gentio. E Claro, toda subjetivação é imperceptível ao indivíduo.

Um distinção bem interessante é que o cristianismo existe algo a ser explicado, e na idolatria não possui este princípio, pois suas ações são em conjunto e não precisa ser desmitificada<sup>29</sup>. Podemos dizer que a idolatria mantém de certa forma a coesão social, mantendo as relações entre os indivíduos, de forma harmoniosa, criando modelos e padrões de conduta.

No século XVII, os missionários perceberam que os indígenas tinham uma manifestação muito forte através das danças e dos cantos, e isto foi rapidamente absorvido pela igreja para servir e forma para se aproximar dos indígenas, já que a barreira lingüística já havia sido superada e os espanhóis já dominavam grande parte dos dialetos dos gentios. A igreja então, passou, em uma atitude drástica, a quebrar os calendários nauas esculpidos pela cidade, destruir templos e imagens de ídolos ou que faziam referências a estes, como vasos, pedras, e outros utensílios que eram herdados pelos gentios. Em uma outra atitude menos drásticas, podemos ver a igreja descontextualizando objetos de antigas formas de idolatria, e assim, por consequência, desestruturando os saberes e discursos que garantiam o status quo destes artefatos. A idolatria então começa a mostrar uma faceta de fraqueza, a partir do momento em que seus objetos são destituídos de sentido, deslocada de seu seio cultural onde se expressava e forma mais intensa, e que de quebra garantiam as

---

<sup>29</sup> Gruzinski, a colonização do Imaginário.

estruturas em que se apoiavam, garantindo sua manutenção. Correndo o risco de deixar de imperar com seu sistema simbólico. Seriam importante então complementar a questão anterior pois, como o tempo e a persistência da igreja, os gentios começaram a se adaptar com as imagens, com a liturgia e com as questões religiosas dos europeus e a idolatria começa a perder impulso, mostrando claros sinais de fraqueza e perda de terreno.

A abertura do panteão dos gentios ao novos deuses, gerou a questão de que estes mesmo colocaram o deus dos cristãos em um lugar que deram grande importância, e passou a ser temido como alguns deuses astecas de grande poder. E com as imposições da igreja, os deuses astecas passam a ser comparados com algumas imagens católicas, assumindo assim uma forma de outro para que possam sobreviver, ou seja, o sincretismo colonial, como aquele que aconteceu no Brasil onde os escravos negros escondiam seus deuses comemorando suas festas junto com as datas de festividades dos cristãos. Exemplos:

- Xiuhtecutli( fogo) – são José;
- Ximeontzin – São Simão;
- Mãe Terra – Virgem de Guadalupe.<sup>30</sup>

Assim, é claro que a idolatria não ficaria ausente sem se manifestar, passou então a circular os conjuros sob a forma escrita com características alfabéticas. E a questão acabou se desdobrando em várias outras, passando a ser denominada como idolatria escrita, pintada, além da já idolatria oralizada.

É caro que da mesma forma que o imaginário cristão alterou o dos gentios, o dos gentios também assumiu um caráter modificador em algumas regiões da influência cristão, levando seus representantes a adotarem algumas características pagãs em suas liturgias.

#### **CAPÍTULO IV– Compreendendo a Guerra das Imagens, houve uma Guerra das Imagens?**

A falsa imagem, a réplica demasiado perfeita, mais real que o original, a criação dimeúrgica e a violência assassina da destruição iconoclasta, a imagem portadora história e de tempo, carregada de saberes inacessíveis, a imagem que escapa a seu conceptor e vira-se contra ele, o homem apaixonado pela imagem que inventou... a guerra das imagens abrange lutas poder, tem implicações sociais e culturais cujo o alcance atual e futuro ainda somos um tanto incapazes de avaliar.

---

<sup>30</sup> Detalharemos mais a frente à questão relacionado com este divindade.

Começo este capítulo já por incitar uma dúvida que me é corrente, a partir dos textos lidos para desenvolver tal trabalho, pois acredito e entendo que para haver uma guerra, devem-se ter dois interesses antagônicos que se contradizem e que se chocam em vários momentos de determinados contextos de um interesse em comum, o que não consigo ver a partir da bibliografia, pois, temos a igreja contestando as imagens das mais diversas naturezas que são consideradas como peças para idolatrias, ou para ser mais cortês, como artefatos de veneração por parte dos gentios, reafirmo que não concordo com o termo usado pelos autores utilizados em denominar os gentios de idólatras, pois se não conheço a sua verdade não posso tomá-la como minha e nem fazer dela as minhas verdades se possuo costumes intrínsecos á sua natureza, no qual foram “formatados” para reproduzi-los. E não será de uma hora para a outra que tomarão seus discursos como verdades a serem seguidas, não bem assim. E voltando a questão de que se houve ou não uma guerra de imagens não quero induzir ninguém a pensar como eu, porém , não acredito que os índios tinham por intenção travar uma batalha onde nem ao menos podiam se defender com ferro e fogo, pois aos espanhóis tinham a fé cristão ao seu lado e todo um armamento e técnicas de batalhas que eram desenvolvidas na península ibérica, e a propósito, ainda mais a Espanha, que muito se envolvia em batalhas pela Europa, ainda se somava à questão o fator experiência, coisa que os nativos não possuíam , muito pelo contrário, muito se admiravam com todo este novo mundo que se materializava diante de seus olhos de uma noite para o dia. Então pergunto, quem começou uma suposta guerra? A minha verdade não poder ser mais verdadeira que a sua, pode? Quem entrariam em uma disputa nu? Transpondo estas questões para a época colonial, acredito que podemos começar a descrever o que seria a chamada guerra das imagens que fora travada no imaginário europeu, com os supostos demônios encontrados nas terras do novo mundo, e ainda mais forte as representações destes demônios que eram muito adorados pelos nativos, que poderiam ser chamados de pagãos?

A cultura européia em si é marcada pela produção de imagens de quaisquer naturezas, desde os primórdios gregos que valorizavam este tipo de expressão e que passou de geração em geração, utilizavam no contexto americano a imagem e a oralidade, NE Europa usavam muito a imagem e o texto, e nas novas terras, formou-se um rede, onde expunham as mais diversas formas do imaginário europeu para que os índios se dobrassem

diante delas e assim moldar esta cultura de acordo com as suas necessidades. A questão das imagens deve sempre reportar para um imaginário e assim, o imaginário criar outras para manter seu ciclo de vida, um movimento onde um influencia o outro.

Quando se deparam com os habitantes da nova terra, os europeus vêem que os indígenas não são tão passivos quanto imaginavam, o choque das imagens não causou neles o questionamento que os missionários queriam, que no caso seria de levá-los a pensar na sua manifestação artística como malfeita, sem estética e sem poder nenhum, mas uma coisa interessante, as imagens vindas de lá, impunham a todo o instante um poder de escolha para os indígenas, levando-os a renunciar a sua em prol de uma outra. E assim, percebemos uma fragmentação e uma reconstrução ao mesmo tempo, como situações contemporâneas. A colonização do imaginário influenciava as populações no atual México, levando-as a renunciar a idolatria, criando um esquema para atendê-los, e dominá-los, condenando a idolatria, perseguindo idólatras e destruindo objetos que pudessem ser utilizados nestes rituais.

Reafirmamos que, o poder do discurso é sempre a persuasão, que produz uma dialética, ou uma retórica, ou um mito, levando o indivíduo a se encantar e mudar de posição.

Para entrarmos no contexto dos ídolos, partimos quando encontram-se muitas estátuas que possuíam a figura de mulher e muitas cabeças em forma de máscaras muito bem trabalhadas artisticamente, induzindo a uma dúvida, os gentios as tem pela beleza ou pelo fato de as adorarem? Os espanhóis usavam muito as imagens neste contexto americano, pois acreditavam que elas eram civilizatórias. Na América, temos os címies<sup>31</sup>, que poderiam ser feitos de com ossos de qualquer ancestral que se quer lembrar, e que no imaginário dos gentios, detinha certo poder no domínio da natureza, assumindo assim características ritualísticas. Possuíam imagens de pedras construídas em relevo. Importante também entender que havia ainda os fetiches<sup>32</sup> que eram interpretados como coisa-deus na visão européia, representando as características do deus em questão.

Uma barreira que deveria ser ultrapassada mais não foi, é que os europeus levavam tudo ao pé da letra, e um problema surgiu pois não entendiam o imaginário dos gentios, ex:

Saindo aqueles do oratório, jogaram as imagens no chão e as cobriram com terra depois urinaram em cima, dizendo: agora teus frutos serão bons e grandes

---

<sup>31</sup> Artefato que liga os presentes aos antepassados, lembrando suas memórias.

<sup>32</sup> Artefato que representaria deus presente ao alcance dos gentios.

e isso porque as enterraram num campo cultivado dizendo que seria um bom fruto e que deveria ale ser plantado...

(Gruzinski, 2005, pg. 30.)

A questão levantada, suscitou uma ira por parte da igreja, que prendou os gentios e os condenou a morte pelo ato. Esse e muitos outros problemas decorriam por causa da falta de compreensão do pensamento indígena. Não compreendiam que este ritual de fertilidade, era pra dizer que aquilo que presenciaram era uma coisa boa, e os europeus o viram como uma ofensa.

No imaginário europeu, interpretavam espectros como algo que não fosse manifestação da imaginação, mas sim como algo concreto, que habitavam as casa, e haviam boatos e relatos de aparições, o que aumentavam o pavor colonial. No caso, as imagens devem fornecer um mundo de sedução onde o indivíduo se encontre e se compreenda, como que se complete, criando uma ilusão de um poder que não existe, quase que enfeitando a pessoa e intensificando assim a idolatria contida no símbolo.

Para os europeus, o demônio possui rabo comprido, dentes enormes, chifrudo, e é interessante percebermos que para o nosso imaginário atual, não mudou muita coisa, e isso prova como a influencia da religião no contexto americano era grande., ao ponto de nos permitir pensar desta forma 500 anos depois. E assim sendo, o ídolo guarda algo de terrível e demoníaco, e segundo Pedro Mártin, havia uma mudança evolucionista que vai do artefato espectro, até artefato-ídolo, que foram se dando de acordo com a miscigenação da cultura local.

Havia ainda os cemí<sup>33</sup>, que para os europeus era a verdadeira presença do diabo e a manifestação da idolatria.

Na terra firme não só eles se divertem em por estas imagens tão diabólicas e tão perversas em seus ídolos de ouro, de pedra, de madeira e de barro, como os produziam na forma de tatuagens corporais , em jóias, enxota-moscas, móveis, casa e em qualquer lugar

(Gruzinski,2005, pg 40)

Percebemos de acordo com o trecho acima que, são culturas contrárias as dos católico, muito distantes até de alcançarem e compreenderem a fé católica, e a questão dos ídolos de ouro, era muito cobiçado por parte dos europeus, então é lógico de quererem condenar as imagens e tais registros que se manifestavam sobre seu corpo. Assumindo

---

<sup>33</sup> Uma espécie de espírito evocado pelos gentios.

então uma forma idólatra, que era condenada pela igreja. Foi o único que percebeu as vinculações entre representação dos ídolos com a sua figuração idólatra, conseguindo assim mapear os pensamentos idólatras. Cortez quando chega, percebe os ídolos de terracota. E estes ídolos<sup>34</sup> eram quem os ligava as suas raízes, a sua história antiga, mantendo vivo na memória as suas tradições. As plumagens utilizadas em rituais são características da ligação com os ancestrais que deveriam está presente, e não ligação com os deuses como se imaginavam. A noção de idolatria é o sinal da presença do demônio e esta presença neutralizaria as imagens do adversário ao ponto de descontextualizá-las, e a igreja tenta então extrair os objetos rituais de seu contexto para desestruturar a idolatria e abrir espaço para as imagens do ocidente.

Em “ A guerra das imagens”, Gruzinski diz “As imagens do adversário são intoleráveis quando são imagens de culto”<sup>35</sup>, e a partir daí que começa o que seria a guerra propriamente dita que começa a parte mais pesada das táticas européias, a intolerância esbarra na ignorância e ambição fazendo com que as batalhas assumam tendências extremistas. A idoloclastia<sup>36</sup> foi quase sempre brutal, articulando aniquilamento e substituição, quebrando ídolos e depois colocando imagens católicas no lugar.

Bernal Diaz de castillo, diz que Cortés quando identificou os ídolos, mandou que fossem primeiro derrubados para depois serem destruídos, jogaram então inúmeros ídolos pelas escadas abaixo dos templos astecas. Como podemos ver nas figura 1 em anexo, a representação dos deuses são sempre no topo de todos os templos e sempre os mais próximos do céu. E tornar submissa as imagens de um povo, quer dizer que este povo também se dobra diante da supremacia do outro, e isso impõe o uso de armas para tirar do povo que se pretende dominar os ídolos , que interpretavam como maus e que induziam ao erro, representando imagens do demônio, sendo mentirosos e de essência ruim. O que fizeram os espanhóis no momento da guerra? Distribuíram santinho e quaisquer imagens religiosas que traziam consigo. Ai me suscita uma dúvida, quem deposita maior valor nas imagens, os que querem destruí-la ou os que querem preservá-la? Pois se eu destruo algo que julgo como meio de idolatria, atribuo automaticamente um poder que pode ser paralelo ao meu. Quem protege no entanto, atribui sim , um poder sobrenatural, além de fatores psicológicos para protegerem algo que fora disseminada socialmente através da ideologia. Percebemos então um impasse, um choque de poderes, mas não um ataque de poder de

---

<sup>34</sup> Objeto de figuração, que transforma tudo em translúcido.

<sup>35</sup> Pág.54.

<sup>36</sup> Aniquilamento sistemático dos ídolos indígenas.

ambos os lados, mas apenas pelo lado cristão que se sentia ameaçado, aí novamente pergunto, houve uma guerra de imagens? Acreditavam que tirando os ídolos e colocando outros no lugar, eles iriam se adaptar ao dos cristãos e assim, assumiriam posição de dupla troca de ideologia.

Gruzinski defende a idéia de que os ídolos mexicanos não possuem toda aquela beleza que os demônios europeus, e não eram tão simples assim, pois alguns deuses eram bem severos.

Eles olhavam com atenção – que os índios tenham de início se alarmado com as conseqüências da profanação, e depois, vendo que os temores eram infundados, tenham admitido a superioridade dos deuses dos brancos. A agressão dos espanhóis não consagraria a impotência das divindades locais, ao abalar os vínculos que os unia ao indígenas e ao arrancar os ídolos de seu espaço de origem, a pirâmide. (Gruzinski, 2005. pg. 61)

O trecho acima nos permite entender que nem todos os indígenas eram assim tão submissos quanto os relatos nos contam, lembrando que todos os documentos de história é também um documento de barbárie, onde se escrevem aquilo que julgam importantes ou seja, a versão do vencedor. Deve-se entender os ídolos não como deuses, mas sim coisas más, que enganavam os gentios, esta idolatria tinha um poder que não era apreciável aos olhos nus, que gerava confrontos e substituição das divindades. No cristianismo, missionários nada tímidos, exibiam as imagens em qualquer lugar, enquanto as divindades dos gentios só sobreviveriam no templo, longe dos olhos da população. A igreja possuía uma alta volatilidade, pois independente se o ambiente é de origem pagã ela se instala e conquista seu espaço na terra. Os índios desorientados com as mudanças, ouvem tanto falar de deuses que passam a chamar tudo de santa Maria, pois não conheciam o seu real significado. O que seria de importante para um, pode não ser importante para outro, levando a incidentes como aquele já mencionado anteriormente sobre o fato de urinarem sobre as imagens católicas enterradas.

...além da violência do gesto, as imagens cristãs não são objetos como os outros. Elas trazem consigo o ideal corrosivo, trazem em si a negação do adversário e a visualizam, ao passo que as outras coisas da Europa e da América que circulam e são trocadas suportam com mais facilidade o contra-censo, a reinterpretação ou a destruição; o destino que Montezuma deu a cadeira que lhe ofereceram, ou até o modo como Cortéz apreciou os emblemas divinos e queztacoatl não questionaram a cultura do destinatário.

(Gruzinski, 2005. pg 68.)

A citação anterior pode afirmar a questão defendida anteriormente.

Percebemos que nesta guerra, ídolos e imagens são o foco para ser atacado e assim facilitar a redistribuição do divino europeu, pois de quebra, com a desorganização dos deuses, há uma perda de orientação por parte dos indígenas, pois mudando o mundo dos deuses, o mundo dos homens fica sem sentidos, e é esta redistribuição que poderia colocar os gentios nas engrenagens do modelo europeu. Os europeus passaram a ver ídolos por todas as partes, e não sabiam que o ídolo é uma declinação de uma herança cultural, onde obtém o ídolo como produto de uma necessidade religiosa que é intrínseca ao ser humano a o resultado de uma necessidade de proibições, para alguns seria apenas a figura de um discurso, se tornando chave de interpretação da cultura indígena, pois educava com o olhar, mas identificava uma orientação ideológica.

Os ídolos poderiam ser interpretados como um objeto falsificado, máquina de ilusões concebida para facilitar as trapaças, coisas más que se chamam diabo<sup>37</sup>. Ou pode ser interpretado como materialidade ou como algo demoníaco, segundo Díaz de Castillo, que : “...os ídolos que adoravam eram do tamanho de um homem , feito de uma pasta de todos os grãos e coberto com sangue de sacrifício humano...”

o ídolo só existe em relação a imagem , só pelo e para o olhar do espanhol. Diversas vezes o ídolo é proposto como um equivalente da imagem cristã na medida em que divide funções e pelo fato de um poder ser substituído pelo outro. O ambiente dos ídolos é transcrito como uma palavra que se aplica originalmente às imagens cristãs. Mas o ídolo é ao mesmo tempo o contrário das imagens por que engana....explica que o confronto entre as culturas e as sociedades possa ser compreendido, interpretado e descrito em termos de representações: imagens contra os ídolos, imagens verdadeiras contra imagens falsas. É tanto a visualização de um pensamento dualista que opõe a verdade a mentira, o bem ao mal com a demonstração de um imaginário que privilegia as articulações figurativas. (Gruzinski, 2005. Pg. 74.)

Podemos perceber que há um tentativa de superioridade cultural, que julgo não ser necessária para a interpretação mais abrangente da questão das imagens, pois há uma resistência indígena a todo momento, das formas viáveis para o momento, mas que resistiam.

A imagem para os espanhóis remetem á santos, e no que tange ao indígena, remete sempre para a idolatria que pode ser esculpida, gravada, pintada, etc. O significado representa a confusão ao se interpretar o ídolo, criando a seqüência abaixo:

---

<sup>37</sup> Interpretação eurocêntrica.

Imagem → Figura → Poder dado a elas.

Mas era necessário para a dominação quebrar o vínculo material e visual que os índios mantinham com seus deuses e destiná-los ao aniquilamento, onde podemos encontrar ídolos despedaçados, afrescos cobertos por uma camada de cal, etc. e isto mostra que a imagem possui um poder por trás das estruturas, e é justamente a imagem que perpassa esta característica, denotando este poder subjetivo. Uma característica dos gentios é que em sua arte possuía a capacidade de ilusão momentânea, fazendo com que o observador se deslumbre diante de um novo mundo de possibilidade. Este ídolo tolera e assimila o antigo, transformando-o de acordo com suas características e necessidades, mas exclui tudo que não é de sua essência.

Havia entre os nativos uma espécie de pintura corporal, que servia como base de comunicação. Existia ainda a *ixiptla*<sup>38</sup> que é a representação de como o deus aparece na visão dos gentios. E representa a manutenção das forças do pensamento dos gentios, e a questão causou uma enorme confusão pois onde os espanhóis procuravam ídolos, os indígenas só conheciam os *ixiptla*, gerando uma grande impasse

Os indígenas vendo que sofriam perseguições por parte dos espanhóis com relação aos seus deuses, estes prevenidos tinham um plano B na manga; que era ocultar seus deuses dos sentidos do colonizador, reuniram então em Tula, onde enterraram Tlaloc, pois nesta região havia serras que favoreciam os esconderijos para as estátuas que ocupavam espaços consideráveis, bem como utensílios de ouro como tambores, trombetas de pedras, espelhos divinatórios entre outros objetos ritualísticos. Uma tática importante dos gentios, foi confiar aos escravos esta missão, pois sofriam menos pressão por parte dos europeus, pois sabiam que estes não participavam de forma ativa dos processos rituais dos astecas. Então podemos dizer que começou uma peregrinação das imagens entre os povos para se encontrar um lugar adequado e o mais distante possível dos olhos dos europeus, só que com esta tática o cristianismo foi assumindo um poder que era deixado pela retirada dos deuses nativos e com isso, ainda, conseguiram fazer morrer ou permitir que morressem estes deuses, levando o culto a estes para o esquecimento de forma gradativa, pois a medida que a fiscalização aumentava, mais difícil ficaria o ritual a estes deuses, e como o cristianismo se tornou muito comum entre os gentios, os deuses acabaram por se tornar “abandonados”, pois só quem podia ter contato com eles eram os nobres.

---

<sup>38</sup> Estátuas dos deuses.

Com a chegada dos franciscanos, em 1525, houve um endurecimento do regime de perseguição as imagens, não poupando nem os edifícios e nem os sacerdotes, destruíram tudo que lembrasse a idolatria, e com isso forneceram aos gentios a possibilidade de conhecer a Cristo de uma forma mais próxima<sup>39</sup>. Lembramos que na Europa, a igreja católica está sendo duramente criticada pelo uso das imagens, pelo protestantismo, assim força o uso das imagens nas terras de além-mar, para intensificar a sua identidade, ou seja, ao mesmo tempo que a igreja critica as imagens aqui, os protestantes também criticam o uso das imagens lá. Com o conselho de Berna, em 1538, estabelece-se a derrubada e a supressão de todos os edifícios religiosos dos “idólatras”, procurando ídolos e queimando-os. Então podemos perceber que o grande adorador de imagens, o papa, se transforma em um grande destruidor de imagens do outro lado do oceano. E este ponto merece um pouco de reflexão, acerca da questão se houve uma guerra religiosa, ou uma imposição de valores culturais? Houve uma procura aos ídolos e objetos de idolatria ou uma busca a estes objetos de idolatria como um sinônimo de busca do El-dourado?

O que seria então a imagem? Qual seria a função da imagem? Acho prolixo tentarmos responder a questão se perdemos muito dos contextos indígenas e suas formas de interpretar as coisas, e não seria justo fazer juízo apenas com as fontes européias, mas é possível afirmar que “...a imagem é o reflexo de uma outra coisa que ela representa em sua essência...”<sup>40</sup>, para Ruan de Torquemada “...diante da própria fraqueza, o homem precisa materializar a tornar visível a divindade, para que vendo-a com os olhos corporal, possa se fiar no conflito em que se sente todas as suas angústias e necessidades.” Com isso podemos afirmar que, a representação é algo da própria necessidade humana, e a guerra é a justificativa para se debater, da pior maneira possível, qual seria a melhor forma de representação. Ao chegar ao atual México, e

...cativado pelo exotismo espetacular das pirâmides, maravilhados com o delírio do ouro e da prata dos retábulos, nosso olhar se choca com a estranheza familiar destas construções... e as evita. Sensação confusa de descobrir um déjà-vu medieval ou renascentista, um espelho canhestro, deformante e quebrado, em todo caso sem nenhum atrativo.” (Gruzinski, 2005, pg. 111)

Este trecho resume bem o imaginário do europeu ao se deparar com a riqueza e beleza das manifestações artísticas dos gentios, mas que a igreja fez de tudo para mudar, até que conseguiu.

---

<sup>39</sup> Pensamento europeu.

<sup>40</sup> Gruzinski, a guerra das Imagens, pág. 103.

## CAPÍTULO V– A Imagem da Virgem de Guadalupe

“...A realidade colonial transcorria num tempo e num espaço distintos, baseava-se em outros conceitos de poder e de sociedade, desenvolvia abordagens específicas das pessoas, do divino, do sobrenatural e do além. Na verdade, as distâncias que separavam o sistema de representação ou os sistemas de poder remetiam a um corte mais global, subjacente e latente, ligado ao modo como as sociedades em confronto percebia, memorizavam e comunicavam aquilo que concebiam como realidade, ou melhor, como sua realidade...” (Gruzinski, 2003, pg. 271.)

A partir da citação acima, devemos considerar que mesmo que compartilhem pensamentos semelhantes, as concepções, as manifestações deste mesmo tema serão expressas de forma diferente. Neste ponto do presente trabalho, pretendemos desenvolver o surgimento da virgem de Guadalupe, como uma miscigenação dos imaginários que se encontraram. Uma afirmação que podemos fazer é que a concepção do real de ambos os lados eram diferentes, onde o lado europeu tentou sistematizar as suas estruturas sobre as do gentios, na tentativa de entender a realidade do outro, e para os gentios, sua influência não fora tão sistematizada deste forma por sobre o modelo europeu. E a igreja ainda, tentou a todo o instante limitar as manifestações dos gentios, alegando que estas eram intenções do diabo, limitando-as, e assim, buscavam ainda induzir o gentio ao que seria certo na sua visão. E assim, temos a questão do sincretismo que fora debatido anteriormente e que aqui e retomado, levando os índios a formarem uma imagem específica da virgem Maria<sup>41</sup> que em outros momentos representou na visão nativa, a deusa mãe, pois as pregações cristãs não permitiam aos indígenas visualizar tais figuras. Se bem que alguns missionários usavam de desenhos para facilitar a compreensão dos gentios, bem como esculturas, gravuras, afrescos e todo tipo de iconografia, fazendo com que os deuses locais fossem diminuídos de poder diante dos santos católicos. Mas os indígenas foram bem sagazes em esconder atrás de altares artefatos iconográficos para sempre lembrarem que por detrás dos santos sempre existiam a força representada do deus local, nativo.

Com as incessantes pregações da igreja, os gentios acabaram por se acostumar com o imaginário ocidental, naturalizando as formas de pensar e ver a realidade, assim foram descobrindo aos poucos os santos, a virgem, a Cristo, e em decorrência disso nos levando à origem do culto à Virgem de Guadalupe no norte do México, no mesmo lugar onde havia

---

<sup>41</sup> Tonatzin, na língua dos gentios.

sido construído e demolida tempos depois, o templo da deusa mãe<sup>42</sup> e então os gentios sempre traziam oferendas para a virgem e que antes eram ofertadas à deusa. No início os espanhóis não aceitaram de bom grado a questão, mas com o tempo assumiram posição favorável pois, estavam conseguindo converter os gentios de acordo com a sua ideologia religiosa, estimulando nos indígenas a devoção.

“ em 1556, a senhora desceu o Tepeyac ... então desde o fim do século XVI, os indígenas alfabetizados reconheceram a lembrança de uma das várias aparições, que situavam em meados do século, isto, num momento em que em que o culto já estava historicamente reconhecido...” (Gruzinsk, 2003, pg 283.)

A partir de então surgiu toda uma discussão em torna da secularização da imagem da virgem, levando a resgatarem mitos<sup>43</sup> para afirmarem a autoridade do culto como legalmente católico e com as características gentílicas, e esta devoção se expandiu de forma rápida, contra a vontade da igreja, obrigando-a a perpetuar o culto, pois a imagem da virgem havia expandido a fé cristã, mesmo sem o controle colonial, tornando a virgem uma imagem bem popular entre os nativos. A igreja barroca, se disponibiliza para validar as devoções, os milagres, entre as populações indígenas, mas que expressasse todo o expoente barroco até então em expansão no México.

O culto á virgem de Guadalupe, gerou de forma acentuada, uma forte migração para os centros urbanos, levando os diversos povos a se aglomerarem em locais com forte concentração de europeus e mestiços.

...surgia assim uma sociedade nova, urbana, ilustrada pelas catedrais, que começava a ser construídas em lugar dos conventos e que recebiam sobre suas naves todas as camadas da população, corporações e confraria, autoridades civis, eclesiásticas, ricos comerciantes e caciques indígenas, além de multidões composta de índios , mestiços, negros e mulatos, além de brancos pobres... (Gruzinsk, 2003, pg 256.)

Poderíamos dizer a partir da citação acima que , que o culto á virgem , reuniu todas as parcelas da população sob sua tutela, do mais alto escalão á base da pirâmide, tornando-se um ponto em comum entre nativos e europeus. Talvez seria importante dizer que o colonização no imaginário indígena, sofreu uma chantagem psicológica, onde os europeus exploravam suas emoções forçando ao medo, á angústia, etc, levando a cultura indígena a

---

<sup>42</sup> Toci – uma imagem pintada por um índio, que alegava que esta fazia milagres. Deificando-a.

<sup>43</sup> Onde um indígena tinha visões da virgem, onde esta teria orientado que colhesse as flores e as levasse para o bispo no México, e quando diante do bispo ele abriu a capa que envolvia as flores, a imagem da virgem apareceu estampada no tecido.

incorporar suas características do colonizador, e neste ponto Gruzinski defende que houve uma reformulação de cultura, onde alterou as crenças dos gentios em relação à cristã. Segundo este, a equação abaixo representaria esta alteração cultural que resultaria em uma nova cultura:

Cultura A + Cultura B  $\longrightarrow$  Cultura C.

Particularmente não acredito nesta teoria para explicar todas as questões levantadas aqui, e principalmente as principais características da sociedade asteca descrita por Soustelle e Manuel Lucena, pois como possuíam uma cultura aberta e que assimilava outros deuses, acredito que o deus cristão foi absorvido, lhe atribuíram-lhe poder, e imaginaram uma hierarquia onde este se mesclava com os deuses nativos, e penso ainda que formataram o imaginário ocidental com uma estrutura bem gentilícia, levando a pouca alternância da cultura nativa e para a formação de uma outra. Mas essa parte seria tema para um outro trabalho que poderia ser continuação deste.

## CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento do trabalho, podemos fazer alguns apontamentos sobre a compreensão da cultura asteca em evolução, suas características próprias e estudá-la a partir da miscigenação cultural, em um contexto de uma suposta guerra de imagens, que mais foi uma ofensiva européia à uma cultura que julgava demoníaca, e que na verdade foi uma guerra, que interpreto, como uma tentativa de dismantelar e desarticular o poder que as imagens exerciam sobre os gentios, imagens que julgavam feias e que induziam ao mal, com pouco padrão estético, e que podemos verificar claramente que além de exercer influência sobre os indígenas, exercia também influência sobre a igreja, pois esta atribuía tal poder que colocava em risco a permanência da instituição nas terras de além-mar, então seria muito viável iniciar uma batalha para que pudesse garantir a permanência das imagens católicas e que começasse a minar o poder das imagens locais, ou seja, quem atribuía mais poder ao poder das imagens? Com esta reflexão tentamos entender um pouco mais o contexto desta guerra religiosa, só que de forma mais sutil, e que em muitos momentos utilizou da força bruta para reafirmar um poder que poderia ser desconfigurado

a qualquer momento, , em um ambiente instável, onde somente dos discursos não davam vazão para moldar os indígenas.

Alteraram ideologias, combateram a idolatria, compreenderam sincretismo, entre várias outras características, o que equivale a dizer que havia uma intensa perspectiva em defender suas manifestações culturais, onde cada qual se esquivava da melhor forma possível para não se permitir subjetivar pelas intenções do outro com técnicas, modelos, padrões, sistemas próprios ou subterfúgios de última hora que driblasse a observação espanhola. Não creio que seja necessário apresentar, pois já fora comentado anteriormente, que tentamos ver com os olhos dos gentios, mas que talvez nos falte precisão, mas plantamos a semente de uma reavaliação deste contexto para compreendermos a história, neste recorte geográfico e durante este recorte temporal.

Uma última consideração importante, é que no decorrer do trabalho o leitor pode questionar, se o texto fala de imagens e representações, manifestações das imagens, onde estão estas imagens? Na verdade, limitamo-nos a inserção de imagens no trabalho para não influenciar o leitor, e as poucas que colocamos é apenas para fazer um parâmetro quanto as formas de se representar e não por questões estéticas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARRASCO, PEDRO Y CÉSPEDE , GUILLERMO. **Historia de la America latina**. Saragoza, Alianza editorial, 1985.

GINZBERG, CARLO. **Olhos de Madeira. Nove Reflexões sobre a Distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

GRUZINSKI, SERGE. **A Colonização do Imaginário: Sociedades Indígenas e Ocidentalização no México espanhol, séculos VXI – XVIII**. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Guerra das Imagens: de Cristovão Colombo a Blade Runner(1492 – 2019)**. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo. Companhia das letras, 2005.

LUCENA, MANUUEL. **La America Precolombiana**. Barcelona. Ed. Anaya, 1989..

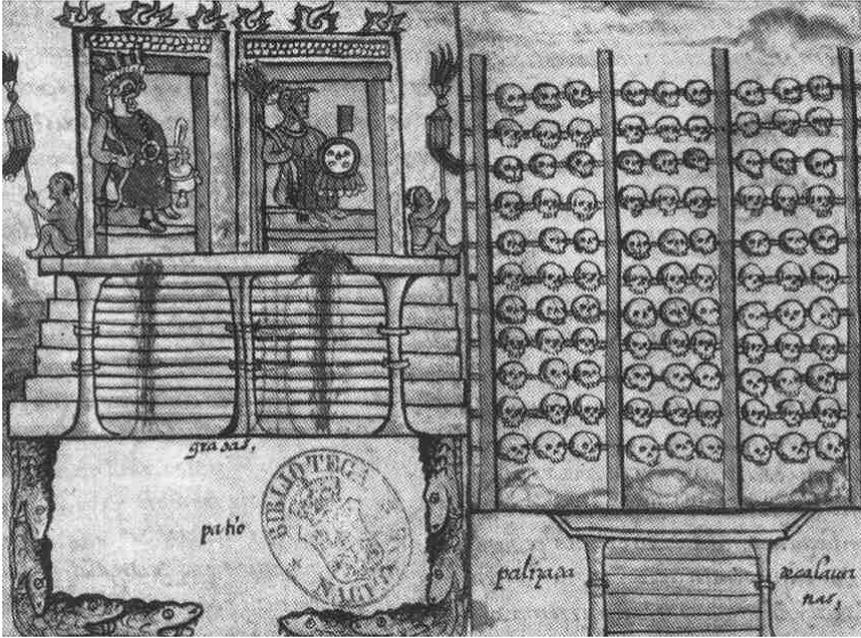
\_\_\_\_\_. **Así Vivian los Astecas**. Barcelona, Ed. Anaya, 1992.

SOUSTELLE, JACQUES. **A civilização Asteca**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.1998.

\_\_\_\_\_. **El Universo de los Astecas.** Mexico. Fondo de Cultura Económica,  
1991.

## **APÊNDICE – LISTA DE IMAGENS**

### **Imagem 1.**



A representação dos deuses que sempre estão n topo dos monumentos, figura que lustra a questão do sacrifício.

## Imagem 2



<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/foto/0,,12066960-FMM,00.jpg>  
11/11/2009.

extraída em